

trama

Interdisciplinar



v. 15 | n. 2 | JUL-DEZ. 2024



Universidade Presbiteriana
Mackenzie

ISSN 2177-5672

© 2024 Universidade Presbiteriana Mackenzie

Os direitos de publicação desta revista são da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Os textos publicados na revista são de inteira responsabilidade de seus autores. Permite-se a reprodução desde que citada a fonte.

A revista Trama Interdisciplinar está disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint>

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO (CIP)

Revista Eletrônica Trama Interdisciplinar / Universidade Presbiteriana Mackenzie, Centro de Comunicação e Letras, Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura. – v. 1, n. 1 (2010). – São Paulo: Editora da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010

Quadrimestral.
Disponível na Internet: <http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/tint>
ISSN 2177-5672

1. Educação - Periódicos. 2. Artes - Periódicos. 3. História da Cultura – Periódicos. I. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Centro de Comunicações e Letras. II. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura. CDD 300 (21. ed.)

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Chanceler Robinson Grageiro Monteiro

Reitor Marco Tullio de Castro Vasconcelos

Pró-Reitor de Controle Acadêmico Wallace Tesch Sabaini

Pró-Reitor de Extensão e Cultura Cleverson Pereira de Almeida

Pró-Reitora de Graduação Janette Brunstein

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação Felipe Chiarello de Souza Pinto

Pró-Reitor de Planejamento e Administração Luiz Carlos Lemos Júnior

CENTRO DE EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E TEOLOGIA

Diretor Lamartine Gaspar de Oliveira

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, ARTE E HISTÓRIA DA CULTURA

Coordenadora Rosana Maria Pires Barbato Schwartz

INSTITUTO PRESBITERIANO MACKENZIE

Entidade Mantenedora

Diretor-Presidente Milton Flávio Moura

Diretor de Desenvolvimento Humano e Infraestrutura Walter Eustáquio Ribeiro

Diretor de Finanças Denys Cornélio Rosa

Diretor de Ensino, Pesquisa e Inovação Carlos César Bof Bufon

Diretor de Estratégia e Negócios André Ricardo de Almeida Ribeiro

Diretor de Saúde Luiz Roberto Martins Rocha

R. Trama Interdisciplinar	São Paulo	v. 15	n. 2	p. 1-285	jul./dez. 2024
---------------------------	-----------	-------	------	----------	----------------

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Revista *Trama Interdisciplinar*

Centro de Educação, Filosofia e Teologia Universidade Presbiteriana Mackenzie

Rua da Consolação, 930 – São Paulo – SP – CEP 01302-907

trama

Interdisciplinar



Trama Interdisciplinar, v. 15, n. 2, jul.-dez. 2024

CONSELHO EDITORIAL

Adérito Fernandes Marcos - Universidade São José de Macau (China)

Alberto Javier Lopez Cuenca - Universidade de Las Americas (México)

Axel Föller-Mancini - Alanus University (Alemanha)

Bernd Fichtner - Universidade de Siegen (Alemanha)

Celso Favareto - Universidade de São Paulo (USP)

Celso Luz Prudente - Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

João Paulo Queiroz - Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos de Belas-Artes (Portugal)

Marcos Rizolli - Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

Margareth Rago - Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Maria da Graça Nicoletti Mizukami - Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

Maria Izabel Petraglia - Universidade Nove de Julho (Uninove)

Mirian Goldemberg - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Sílvia Capanema Schmitt - Université Paris 13 (França)

Stephanie Dennison - University of Leeds (Inglaterra)

COMISSÃO EDITORIAL E EXECUTIVA

Editor Acadêmico - João Clemente Souza Neto

Editoria Temática: Arte - Suzana Ramos Coutinho, Jane de Almeida

Editoria Temática: Educação - João Clemente Souza Neto

Editoria Temática: História da Cultura - Suzana Ramos Coutinho

SUPORTE TÉCNICO

Gislaine Macul Pequeno

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Millena Tafner

PROJETO GRÁFICO

Márcio Godoy

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS

Carlos Villarruel

REVISÃO

Hebe Lucas

DIAGRAMAÇÃO

Acqua Estúdio Gráfico

FOTO DE CAPA

Marcos Rizolli

Trama Interdisciplinar é indexada por:

EBSCO – Current Abstracts; Fuente Académica; Fonte Acadêmica; TOC Premier.

SUMÁRIO

10

Editorial

Editor's introduction

João Clemente de Souza Neto

13

Apresentação

Presentation

Dossiê: Um olhar interdisciplinar na perspectiva da epistemologia do Sul

Dossiê: An interdisciplinary look from the perspective of Southern epistemology

João Clemente de Souza Neto, Fernando Rafael Chongo e Rosana Maria Pires Barbato Schwartz

Dossiê | Dossier

21

Os fantasmas das línguas dos colonizadores na luta pela emancipação do povo preto

The ghost of the languages of the colonizers in the fight for the emancipation of the black people

Celestino Taperero Fernando

30

Educação antirracista, produção de conhecimento e descolonização epistêmica em pesquisas

Anti-racist education and knowledge production and epistemic decolonization in research

Marcos Antonio Batista da Silva e Max Ruben Tavares de Pina Ramos

48

Escola moçambicana de sociologia: língua, cultura, educação e pensamento social crítico em contexto (aqui, ali e acolá)

Mozambican school of sociology: language, culture, education and critical social thinking in context (here, there and elsewhere)

Cesar Cumbre

- 69** Interversidades axiológicas e formação de individualidades comunitárias: algumas estratégias de educação social para o desenvolvimento em África
Axiological intersersity and the formation of community individualities: some strategies of social education for life quality improving in Africa
Fernando Rafael Chongo, Rogério Filipe Mário e João Clemente de Souza Neto
- 82** Personal relationships and institutional framework conditions, socialization aspects of identity development today
Relações pessoais e condições estruturais institucionais: aspectos de socialização do desenvolvimento da identidade hoje
Axel Foeller-Mancini
- 104** Intersecciones de las pedagogías críticas con la educación popular y la pedagogía social
Intersections of critical pedagogies with popular education and social pedagogy
Jorge Camors
- 117** A bioética principialista e as suas contribuições para a educação
Principlist bioethics and its contributions to education
Marta Dias Barcelos e Paulo Fraga

Artigos | Articles

- 137** Voz e afeto em Espinosa: o sexto sentido na Latino-América
Voice and affect in Spinoza: the sixth sense in Latin America
Mara Lafourcade Rayel e Amálio Pinheiro
- 152** A educação inclusiva questiona o Programa Ensino Integral – PEI
Inclusive education questions the Full-time Teaching Program – FTP
Marcos Cezar de Freitas e Aline Oliveira Silveira
- 173** Levantamento sobre a educação de jovens e adultos em Tenente Portela, no Rio Grande do Sul
Survey on youth and adult education in Tenente Portela, in Rio Grande do Sul
Carolina Trentin, Lidia Paula Trentin, Márcia Amaral Corrêa Ughini Villarroel e Ana Sara Castaman

APRESENTAÇÃO

Dossiê: Um olhar interdisciplinar na perspectiva da epistemologia do Sul

“A conclamação para amar a teu próximo como a ti mesmo, diz Sigmund Freud, é um dos preceitos fundamentais da vida civilizada (e, de acordo com alguns, uma de suas exigências éticas fundamentais). Mas é também o que de mais antagônico pode haver com o tipo de razão que essa mesma civilização promove: a razão do interesse individual, da busca da felicidade. Seria a civilização, então, baseada numa contradição insolúvel? Assim parece; a se seguir as sugestões de Freud, chegaríamos à conclusão de que o preceito fundador da civilização só poderia ser cumprido caso se adotasse a famosa advertência de Tertuliano: *credere quia absurdum* (acredite porque é absurdo). De fato, basta perguntar ‘Por que eu deveria fazer isso?’ ou ‘Que bem isso me fará?’ para perceber o absurdo de uma exigência de amar o próximo ‘como a ti mesmo’ – qualquer próximo, simplesmente porque ele ou ela estão à vista e ao alcance. Se eu amar alguém, ele ou ela devem merecê-lo de algum modo. E ele o merecerá se for como eu de tantas importantes maneiras que eu possa amar a mim mesmo nele; ela o merecerá ainda mais se for tão mais perfeita que eu que eu possa amar nela o ideal de mim mesmo. Mas se ele é um estranho para mim e não pode me atrair por nada que valha a pena nele próprio, ou por qualquer importância que já possa ter adquirido para minha vida emocional, será difícil amá-lo” (Bauman, 2008, p. 33).

Este dossiê tem como finalidade refletir e despertar para um olhar interdisciplinar acerca da produção de pesquisadores internacionais, notadamente de países da África e da Europa. Como se ensina, como se aprende, de que forma viver a ética numa sociedade globalizada e pautada numa lógica do consumismo, como construir conceitos explicativos do agir humano em meio a crises civilizatórias que afetam as formas de pensar, conviver, ser, estar e confabular? Finalmente, de que modo os paradigmas emergentes do Sul contribuem ou podem contribuir para a reconstrução de um processo civilizatório democrático?

Diante desses questionamentos e dos fatos e acontecimentos sociais atuais, os mitos fundadores da civilização ocidental, a democracia, a solidariedade, a fraternidade, a liberdade, o amor ao próximo, perdem o seu vigor explicativo e se metamorfoseiam em ferramentas de discursos marqueteiros. Dentro de um certo consenso, os modelos explicativos do Ocidente têm um caráter colonizador, no sentido de dominar determinados grupos, movimentos e classes. Adicionam-se a essa leitura os questionamentos

levantados por Bauman. É possível concretizar os princípios dos mitos fundadores do Ocidente num mundo marcado pelo consumismo e pela exploração? Desde o século XVI, Bartolomeu de Las Casas, na América Latina, questionava o jeito de os europeus conceberem o mundo e sua política na América Latina.

Las Casas escreveu longas páginas relatando as dores, injustiças e torturas praticadas pelos europeus contra os povos negros e indígenas. Argumentava ele que tal prática contrariava os princípios do cristianismo e da liberdade humana. Foi, nesse sentido, um dos primeiros a contestar o modelo europeu de modernidade (Dussel, 2014), que acabava por destruir a vida humana e da natureza, a escravizar os povos “diferentes”. Esse modelo punha em movimento uma concepção válida, porém restrita de modernidade, presa a um projeto de valoração da classe dominante e do homem branco machista, e necessita ser alargado. Constata Marx que essa perspectiva sinaliza que ainda estamos presos ao reino da necessidade e que precisamos caminhar para o reino da liberdade, a nosso juízo, para o reino da democracia e da humanização

Em meados dos anos 1950, eclodiram na América Latina várias lutas ancoradas numa filosofia da libertação que possibilitaram a visibilidade de uma política da libertação, desenhada por José Martí. Acreditava ele que os políticos populares substituiriam os políticos exóticos revestidos de máscaras e calções ingleses, coletes franceses, jaquetas americanas e chapéus espanhóis, enquanto a maioria da população caminhava esfarrapada e descalça (Dussel, 2014). O que estava em jogo na política da libertação era quebrar um pouco a mentalidade classificatória e colonial do paradigma cultural vigente. Nessa perspectiva antropológica, o negro, o índio e mesmo as mulheres eram destituídos de desejo e vontade.

À medida que se questionam os paradigmas classificatório e colonizador que afetam os povos latino-americanos, africanos e caribenhos, assim como as classes subalternizadas, cresce a possibilidade de se criar uma teoria arquitetônica da política da libertação, não mais prisioneira de categorias analíticas fetichizadas. Estas têm como pressuposto a produção de uma pseudociência que, no fundo, mais destrói a vida e o planeta do que garante a vida e o processo democrático. A política da libertação é constituída de uma pluralidade social, cultural e política que exige dos intelectuais uma produção orgânica, em vista da libertação e da resposta às interrogações advindas das questões ecológicas, econômicas, religiosas, das classes sociais e identitárias. As interpelações são carregadas de gritos de dor e sofrimento que sempre foram abafados, ignorados pelos intelectuais comprometidos com paradigmas colonizadores.

Para explicar suas contradições, o paradigma colonizador utilizou por muito tempo as categorias analíticas raça e gênero.

As diferenças fenotípicas entre vencedores e vencidos foram usadas como justificção da produção da categoria “raça”, embora se trate, antes do mais, de uma elaboração das relações de dominação como tais. A importância e o significado da produção desta categoria para o padrão mundial do poder capitalista eurocêntrico e colonial/moderno dificilmente poderiam ser exageradas: a atribuição das novas identidades sociais resultantes e sua distribuição pelas relações do poder mundial capitalista estabeleceu-se e reproduziu-se como a forma básica da classificação societal universal do capitalismo mundial; estabeleceu-se também como o fundamento das novas identidades geoculturais e das suas relações de poder no mundo. E, também, chegou a ser a parte por detrás da produção das novas relações intersubjetivas de dominação e de uma perspectiva de conhecimento mundialmente imposta como a única racional (Quijano, 2013, p. 99).

Apesar da independência política das nações, na visão de Quijano, o sistema colonial não terminou, mas continua a se recriar nas estruturas sociais, econômicas e culturais até os dias de hoje. Um dos eixos da modernidade ocidental é a colonização, cuja forma de conhecimento e poder interfere nas relações e no jeito de ser e de agir das pessoas e instituições. Ao fazer sua crítica sobre o sistema de colonização, Quijano enfatiza a importância de reconhecer e valorizar os saberes e as perspectivas dos povos colonizados, o que pode ser um meio de desconstrução da mentalidade eurocêntrica que capturou as mentes e os corações dos povos latinos, americanos, caribenhos e africanos, e transformou a carne ou os corpos dos humanos negros em mercadoria.

Na atualidade, o problema que se coloca diz respeito ao modo de apropriação dos paradigmas históricos determinantes e desreificá-los, para incorporar os saberes impedidos e/ou esquecidos da/na América Latina, do/no Caribe e da/na África. Esse processo é uma espécie de canibalismo, é uma forma de resistência, assimilação e transformação de influências teóricas e culturais, em direção à construção teórica de um pensamento decolonial, autêntico e novo, é um devorar e transfigurar os conhecimentos em algo próprio e original (Andrade, 1976).

Deixar emergir as novidades do mundo atual, as múltiplas concepções e percepções do mundo e da vida, com suas semelhanças e dessemelhanças, para realizar políticas públicas de restituição e reparação daqueles e daquelas que foram massacrados/as e não reconhecidos/as pela história, são elementos indispensáveis para a reinvenção de um processo civilizatório aglutinador de saberes libertadores e de uma ecologia integral.

Na verdade, para aqueles que sofreram a dominação colonial, ou para aquele cuja parcela de humanidade foi roubada num determinado momento da história, a recuperação dessa parcela de humanidade muitas vezes passa pela proclamação da diferença. Mas, como se vê, em parte da crítica negra moderna, a proclamação da diferença é somente um momento de um projeto mais amplo, o projeto de um mundo por vir, de um mundo à nossa frente, cuja distinção é universal, um mundo livre do fardo da raça, do ressentimento, do desejo de vingança que toda e qualquer situação de racismo suscita (Mbembe, 2022, p. 315).

Temos, neste momento da história, o grande desafio de articular o conhecimento com a práxis de libertação do povo despossuído e marginalizado (cf. Dussel, 2014, p. 560). Essa é a temática norteadora deste dossiê, no qual privilegiamos artigos de investigadores que mantêm parceria com o Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura (PPGEAHC) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

Em 2022, os professores doutores Bernard Fichtner, da Universidade de Siegen, Alemanha, e Roberto da Silva, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), propuseram à revista *Trama Interdisciplinar* um volume dedicado à discussão entre pesquisadores latino-americanos, europeus e africanos sobre temas que espelhassem a epistemologia do Sul, evidenciando as práticas da pedagogia social nos campos do racismo, do gênero e da convivência humana. No período que se seguiu, esses dois brilhantes pesquisadores em pedagogia social vieram a falecer. Os professores doutores Rosana Maria Pires Barbato Schwartz, Fernando Rafael Chongo e João Clemente de Souza Neto, que assumem este dossiê, têm a satisfação de prestar gratidão e reconhecimento aos professores Bernard Fichtner e Roberto da Silva, que pertenciam ao comitê científico da revista e nela publicaram vários artigos.

Bernard Fichtner participou anualmente de várias atividades acadêmicas de pesquisa e extensão na UPM, desde 2009 até 2022. Tomou parte na pesquisa do projeto “Lidando com novos espaços: crianças e adolescentes na apropriação do complexo arquitetônico do CEU Butantã (São Paulo, Brasil)”, ministrou cursos sobre Walter Benjamin, Vigotski e infâncias, destacando a qualidade científica e humanizadora da pedagogia social elaborada no Brasil. Nas palavras de Fichtner, o vigor dessa pedagogia estava na base teórica freiriana e nas práticas de educação social dos movimentos sociais e das pastorais sociais. A experiência do CEU no Brasil era um projeto de educação que deveria ser exportado para a Europa. Mobilizou a participação de alunos e pesquisadores da Alemanha para a aprendizagem de técnicas de artesanato com vidro no PPGEAHC.

Roberto da Silva, articulador, pesquisador em pedagogia social no Brasil e proponente do Congresso Internacional de Pedagogia Social, realizado de dois em dois anos

no Brasil, organizou uma base de dados teóricos para sistematização dessa disciplina, publicada na Coleção de Pedagogia Social, da Editora Expressão e Arte. Tinha compromisso com temáticas ligadas à educação em presídio, crianças e adolescentes, políticas públicas de educação e assistência e instituições totais. Do ponto de vista teórico, era freiriano, sua perspectiva metodológica era fundamentada na biografia e autoanálise. A trajetória de vida do professor Roberto era um testemunho vital da perversidade das políticas constituídas na doutrina da situação irregular. Em síntese, era um intelectual orgânico militante da doutrina de proteção integral. Bernard Fichtner e Roberto da Silva estavam comprometidos com uma epistemologia decolonial ou do Sul. Os artigos deste volume da *Trama Interdisciplinar* trazem um pouco dessa discussão.

O processo de elaboração deste dossiê contou com a participação de cerca de 23 pesquisadores que apresentaram 15 artigos, sete deles selecionados para publicação.

O artigo “Os fantasmas das línguas dos colonizadores na luta pela emancipação do povo preto”, de Celestino Taperero Fernando, aborda a luta contra o silenciar das línguas africanas como um novo paradigma de combate ao racismo. A língua não pode ser vista apenas como uma forma de comunicar-se, ela carrega consigo uma riqueza de saberes que marcam a identidade e o pensamento de um povo, os traços culturais e os conhecimentos locais. No segundo artigo, “Educação antirracista, produção de conhecimento e descolonização epistêmica em pesquisas”, os autores, Marcos Antonio Batista da Silva e Max Ruben Tavares de Pina Ramos, refletem sobre descolonização epistêmica, educação antirracista e ensino superior. Os processos de democratização e de direitos humanos enfrentam o desafio de reverter as práticas sociais e educacionais que agridem a dignidade humana.

No terceiro artigo, “Escola moçambicana de sociologia: língua, cultura, educação e pensamento social crítico em contexto (aqui, ali e acolá)”, Cesar Cumbre reflete sobre o nascimento de uma escola moçambicana de conhecimento sociológico, a qual reivindica uma produção científica epistemologicamente descolonizada para “pensar o Moçambique real”. Em “Interversidades axiológicas e formação de individualidades comunitárias: algumas estratégias de educação social para o desenvolvimento em África”, título do quarto artigo, Fernando Rafael Chongo, Rogério Filipe Mário e João Clemente de Souza Neto refletem sobre as estratégias da educação social para o desenvolvimento em África. No âmbito de suas autonomias, as universidades africanas devem assumir uma postura interversitária e usá-la para encadear uma educação social a favor da humanização das comunidades locais.

O quinto artigo, de Axel Foeller-Mancini, “Personal relationships and institutional framework conditions, socialization aspects of identity development today”, descreve os processos de socialização e desenvolvimento da identidade na família e na escola. Do ponto de vista sociológico, a escola desempenha tarefas específicas ao lado de

outros subsistemas sociais, dentro de uma sociedade funcionalmente diferenciada. No sexto artigo, “Intersecciones de las pedagogías críticas con la educación popular y la pedagogía social”, Jorge Camors aprofunda as concepções de colonialidade do poder, do ser, do saber e da natureza, vinculando a ideia de raça como elemento estruturante do pensamento colonial à subalternização dos povos colonizados.

O sétimo artigo, de Marta Dias Barcelos e Paulo Fraga, “A bioética principialista e as suas contribuições para a educação”, analisa a importância da bioética no contexto educacional e reforça a sua relevância na educação em valores. Centraliza a discussão em quatro princípios éticos na resolução de dilemas práticos no domínio da biomedicina, a saber: respeito pela autonomia, não maleficência, beneficência e justiça.

Constam, ainda, deste volume alguns artigos sobre temas livres que, de um ou de outro jeito, dialogam com a questão da epistemologia do Sul. Há um esforço para problematizar a questão da mentalidade colonial que persiste nas estruturas sociais. Por uma perspectiva freiriana, não se trata simplesmente de aceitar uma troca de posições entre protagonistas, mas de uma tomada de consciência contra qualquer tipo de racismo e exploração. A fábrica de produção do racismo e de preconceitos em escala global destrói a pessoa humana e a natureza.

No fundo, é de um projeto de sociedade que estamos falando. Nessa direção, é preciso superar uma razão indolente e uma filosofia política preguiçosa, que reproduzem as formas de destruição da vida. Agradecemos a todos os pesquisadores que compartilham suas reflexões e desejamos a todos uma boa leitura.

João Clemente de Souza Neto

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

joao.souza@mackenzie.br

<https://orcid.org/0000-0003-3348-8316>

Fernando Rafael Chongo

Universidade Púguè

fernandochongo@yahoo.com

<https://orcid.org/0000-0003-2706-9916>

Rosana Maria Pires Barbato Schwartz

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

rosanamaria.schwartz@mackenzie.br

<https://orcid.org/0000-0003-3734-0941>

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, O. De. Manifesto Antropófago. *In*: TELES, G. M. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 47-58.
- BAUMAN, Z. *A ética é possível num mundo de consumidores?* Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- DUSSEL, E. *Política da libertação*. Passo Fundo: Ifibe, 2014.
- MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 Edições, 2022.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. *In*: SOUSA SANTOS, B. de; MENESES, M. P. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2013.